

# NA RUA NOSSAS LUTAS SE ENCONTRAM Feminismos nos lambes produzidos por mulheres

*ON THE STREETS OUR STRUGGLE MEET  
Feminisms on wheatpaste created by woman*

**Rossana Pires<sup>1</sup>**

## Resumo

Este trabalho é um convite para você percorrer comigo uma caminhada pelos bairros Centro Histórico e Cidade Baixa em Porto Alegre, a partir de uma cartografia constituída na investigação de lambes produzidos por mulheres. Partindo de registros fotográficos e da elaboração de um diário de bordo, apresento dois elementos que operam à margem do sistema social e do sistema da arte: os feminismos e o lambe. O relato cartográfico tem a colaboração das criações artísticas do Coletivo Filhas da Diáspora Negra, Coletivo Mulherio Urbano e da artista Tina Perrone. Os discursos dos lambes e as reflexões estabelecidas dialogam com as teorias absorvidas a partir da leitura de produções também realizadas por autoras mulheres como bell hooks e Djamila Ribeiro sobre feminismos, e Pallamin sobre arte urbana. Procuro investigar as práticas produzidas na arte urbana que rompem com o projeto de opressão sobre quem pode falar e quais saberes são considerados saberes na estrutura branca cisheteropatriarcal. Palavras-chave: lambe-lambe, feminismos, artes feministas, arte urbana, construção social.

## Abstract

*This is an invitation for you to take a walk with me through the Centro Histórico and Cidade Baixa neighborhoods in Porto Alegre, from a cartography constituted in an investigation of wheatpaste produced by women. Based on photographs and a logbook, I present two elements that operate at the fringes of the social system and the art system: feminisms and wheatpaste. The cartographic narrative has the collaboration of the artistic creations of Coletivo Filhas da Diáspora Negra, Coletivo Mulherio Urbano, and Tina Perrone. The discourses of the wheatpaste dialogue with the theories absorbed from bell hooks and Djamila Ribeiro on feminisms, and Pallamin on urban art. I seek to investigate the practices produced in urban art that disrupt the project of oppression about who can speak and what knowledges are considered knowledges in the white cisheteropatriarchal structure.*

*Keywords: wheatpaste, feminisms, feminist arts; urban art, social construction.*

<sup>1</sup> estranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.



## Introdução: por uma curadoria ativista

Ainda na infância, eu era frequentemente alertada pela minha mãe sobre a presença do meu corpo nos lugares que ocupava. Cuidado por onde anda. Evite ruas escuras. Não saia sozinha à noite. O tom, que durante muito tempo interpretei como proibitivo e conservador, com o processo de amadurecimento e ao ouvir as histórias das mulheres da minha família, foi compreendido como cautela e medo.

A história dessas mulheres assim como a história da maioria das nossas mulheres é marcada pela violência patriarcal, termo que demarca a origem da violência dentro e fora do lar relacionada ao pensamento sexista e à dominação patriarcal (hooks, 2020). Essas narrativas, fruto da nossa cultura, presentes nas artes, na mídia, na nossa vida e na nossa morte fazem parte de um sistema com um problema de gênero que ainda precisamos resolver. Conforme bell hooks (2020), é nisso que atua o movimento feminista, buscando acabar com a opressão e a exploração sexista e visando o fim de tal estrutura que, como mostra Ribeiro (2019, p. 67), impede que “indivíduos de certos grupos tenham direito a fala, à humanidade”. No caso, nós, mulheres.

A academia e as pensadoras feministas já compreenderam o dever de abordar de forma interseccional as necessidades de mulheres e homens de diversas faixas etárias, classes sociais, sexualidade e raça com relação ao combate do sexismo, entendendo que cada uma dessas categorias se interceptam em diferentes pontos e geram diferentes formas de violência e opressão. Por meio da interseccionalidade, conseguimos enxergar a simultaneidade das categorias identitárias e questionar as falhas do feminismo ao reproduzir o racismo e do movimento negro pelo caráter machista. Mas, para muitos, falar sobre esses aspectos é “mimimi”. Portanto, precisamos expandir esse pensamento.

Para que as teorias feministas<sup>2</sup> sejam compartilhadas de forma democrática e igualitária, precisamos identificar e ampliar as práticas que as tornem acessíveis e verdadeiramente para todo mundo. Conforme sugere hooks (2020), precisamos criar esse conhecimento por meio de diversos materiais para que sejamos todos feministas. Devemos, assim, ampliar nossas vozes para que mais pessoas possam ouvir.

Motivada por esse desejo e com o incentivo de amigas e amigos, no inverno de 2021, munida de máscara PFF2<sup>3</sup>, lambes<sup>4</sup>, uma trincha e grude de farinha de trigo<sup>5</sup>, fui às ruas e afirmei aquilo que me sufocava: a gente grita grita grita grita mas ninguém vê. Na forma de intervenções urbanas, ao lambe os muros e postes, deixei, nas ruas, a minha voz. Como um processo terapêutico, de forma subjetiva, eu sinto a necessidade de dar vazão às minhas dores que são individuais e coletivas. Enquanto manifestação social, desejo, assim, colaborar para/com a luta feminista e na construção de uma nova realidade.

Nesse contato com a cidade, nos impressos em lambes e no spray dos grafites e pixos, identifiquei diversos discursos. Ao observar a presença desses dispositivos artísticos e sua recorrência e ocupação na paisagem urbana, identifiquei discursos visuais enquanto manifestações de poder. Não como um “amontoado de palavras ou concatenação de frases que pretendem um significado em si, mas como um sistema que estrutura determinado imaginário social” (RIBEIRO, 2019, p. 55). Entre eles, localizei reivindicações, instruções e poesias da luta feminista.

A atuação artística e criativa foi, historicamente, concedida aos homens, identificados como protagonistas no campo artístico (e não só nele), do qual as mulheres foram excluídas por questões de gênero. O trabalho das Guerrilla Girls, grupo de ativistas feministas anônimas formado em 1985, expõe questões de preconceitos étnicos e de gênero a partir dos questionamentos sobre a historicidade e a representatividade das mulheres no campo artístico. Em obras que apresentam textos como “Menos de 10% ou nenhum dos artistas destas galerias são mulheres”, “Quantas mulheres tiveram exposições individuais nos museus de Nova York no ano passado?” e “As mulheres precisam estar nuas para entrar no Metropolitan Museum?”, percebem-se os elementos daquilo que, partindo das ruas e ocupando os espaços consagrados da arte, caracteriza-se como um movimento social que busca pela ruptura nessa historicidade de apagamento dos trabalhos de artistas mulheres nas artes visuais.

Ao requerer uma participação democrática às formas e meios de produção cultural, as mulheres buscam que suas experiências e vozes enfrentem o silêncio estruturalmente imposto: tensionam esse lugar de poder, dentro e fora da arte. Conforme Ribeiro (2019), os grupos socialmente oprimidos, que têm suas experiências hierarquizadas, têm, do mesmo modo, seus saberes, produções intelectuais e vozes tratadas de maneira subalternizada. Entretanto, como resposta, diversas formas de organização política e produções culturais e intelectuais foram criadas para combater o silenciamento. Todavia, o ponto, aqui, é que novamente o contexto social dificulta a visibilidade e legitimidade das produções realizadas por esses grupos (RIBEIRO, 2019).

2 Inspiração no livro de Chimamanda Adichie, *Sejamos todos feministas* (2015).

3 A Covid-19 é uma infecção respiratória de alta transmissibilidade causada pelo coronavírus SARS-CoV-2. Entre os principais cuidados para evitar a contaminação estão a utilização de máscaras de proteção como a PFF2 e, após o desenvolvimento da vacina, o isolamento social em caso de sintomas.

4 Modalidade da arte urbana, o lambe-lambe, ou lambe, também denominado como pôster-bomber, é um cartaz artístico, comercial ou político. Constitui-se na forma de cartazes fixados de forma autorizada ou clandestina, que tem entre as principais características a efemeridade.

5 Grude de farinha de trigo é uma cola vegana produzida à base de farinha de trigo para a aplicação dos lambes no espaço urbano.

Dessa forma, enquanto mulher feminista inserida em um ambiente acadêmico, em um departamento de artes visuais e, portanto, institucionalizado, faço meu posicionamento como uma curadoria ativista, buscando por visibilidade para as maiorias historicamente minorizadas. Pois, como essas produções continuam sendo marginalizadas e invisibilizadas, precisamos continuar trabalhando em mostras e estudos que sejam focados em raça, gênero ou sexualidade. Como aponta Reilly (2018), um dos aspectos fundamentais desse movimento é o desenvolvimento de estratégias de visibilidade, crucial no mercado e na história da arte.

Ao pautar os feminismos, busco visibilidade tanto para as produções artísticas criadas por mulheres, quanto pelas diversas pautas que são por elas abordadas. Conforme aponta Friedan (1971), foi a busca de uma nova identidade que lançou a mulher, há um século, na viagem para fora do lar, para a conquista do voto, à busca pelos direitos trabalhistas e a métodos contraceptivos. Mas ainda temos muito pelo que lutar. As reivindicações presentes na realidade das mulheres no Brasil são muitas. Nosso país tem um registro de feminicídio a cada seis horas e meia, ocupando a quinta colocação no ranking de países que mais mata mulheres no mundo. Mais de cinco mulheres são estupradas por hora no Brasil. A desigualdade salarial e de dedicação a afazeres domésticos também demarcam a forma como nos relacionamos na sociedade e os espaços que ocupamos socialmente. Pautas como direito ao aborto, assédio, padrões de beleza, dignidade menstrual, maternidade, interseccionadas com o feminismo decolonial e o transfeminismo, precisam ser compartilhadas.

Busco, aqui, refletir sobre o lambe, um dispositivo de produção artística sem visibilidade atribuída pelo sistema da arte<sup>6</sup>, como objeto de pesquisa, questionando a construção de uma legitimação do que é e do que não é arte no(s) sistema(s) da arte<sup>7</sup> e sua importância como dispositivo de intervenção política.

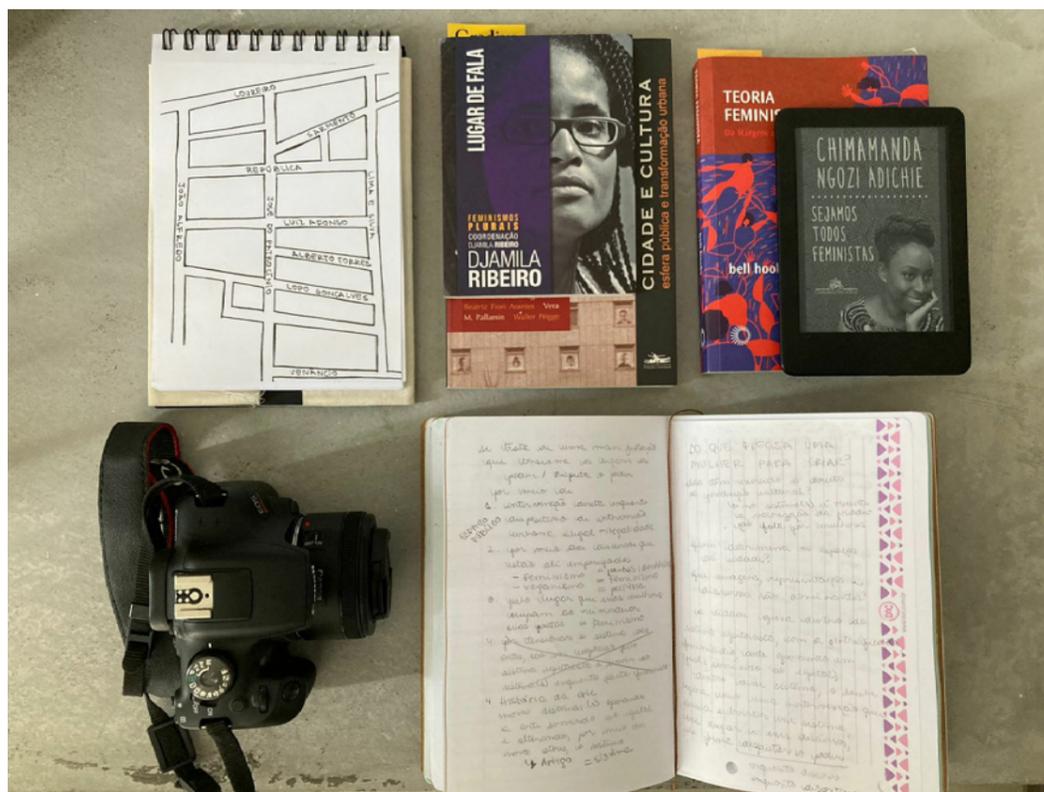
Escolho, portanto, trabalhar com dois elementos que operam à margem do sistema social e do sistema da arte: os feminismos e o lambe. Dessa forma, procuro investigar as práticas produzidas que rompem com o projeto de opressão sobre quem pode falar e quais saberes são considerados saberes. “Dentro desse projeto de colonização, quem foram os sujeitos autorizados a falar? [...] Saberes construídos fora do espaço acadêmico são considerados saberes?” (RIBEIRO, 2019, p. 77). Ao abordar, nessa pesquisa, essas produções não-acadêmicas realizadas por mulheres em uma localidade no Brasil que, também, está à margem (tanto geograficamente, quanto socioeconômica, cultural e em termos de produção artística no sistema da arte em comparação com o centro do país), proponho uma forma de visibilidade, pensando na valorização desse tipo de intervenção realizada por mulheres no sistema da arte e na instituição acadêmica que permite esta discussão.

### **Lambes, feminismos e construção social: uma cartografia**

Seria possível, como afirma Scott (1995), criarmos estratégias para uma nova narrativa sobre as questões de gênero, superando as relações de poder estabelecidas e destacando, com igualdade política e social, os grupos até então invisibilizados? Sugiro pensarmos que uma dessas alternativas é a intervenção no espaço público por meio da arte urbana.

6 Conjunto de indivíduos e instituições responsáveis pela produção, difusão e consumo de objetos e eventos por eles mesmos rotulados como artísticos e responsáveis também pela definição dos padrões e limites da arte para toda uma sociedade, ao longo de um período histórico” (BULHÕES, 2014, p. 15).

7 Conforme apresentado por Fetter (2018), ressalta-se a compreensão das transformações e interconexões que se estabelecem em diversas instâncias.



A arte urbana, na representação do imaginário social, atua na apresentação dos conflitos sociais (PALLAMIN, 2000). Essas práticas artísticas contribuem como um reflexo do contexto: operam para a compreensão das alterações sociais e efetivamente atuam na sua construção (PALLAMIN, 2000). A arte pública impacta o social, buscando tensionar a hegemonia existente, disputando espaço e poder na sua forma e nos seus discursos. A opressão sexista é um desses conflitos.

Na cidade de Porto Alegre, essa é uma atividade proibida pela legislação municipal<sup>8</sup>. Ou seja, ao se apropriar do espaço urbano como uma prática social que perpassa os propósitos estéticos e significados políticos e culturais, a arte urbana atua de forma subversiva como uma prática social (PALLAMIN, 2000) e, portanto, política. Sobretudo, no caso aqui analisado em que atua na subversão das relações hegemônicas e patriarcais de poder e no ato subversivo e ilegal de apropriação do espaço público.

A arte urbana opera como um dispositivo de memória dos contextos sócio-político-culturais, na reconstrução de referências históricas e conhecimentos. Trata-se de uma memória social, coletiva e política. Na contramão de tal potencial, conforme Pallamin (2000), o contexto produtivista influencia um esquecimento de referências individuais e coletivas. E é contra esse funcionamento que a arte urbana age. Entretanto, seus significados e sua função são elaborados a partir do contato com o público. O que está na rua não é mais da artista. É de quem se deixa atravessar pelo que ali está. A intervenção urbana é, portanto, acessível para quem nas ruas transita, superando as fronteiras institucionais.

Assim, de forma a constituir uma metodologia em que a prática artística e de observação e registro configurassem um modo de fazer pesquisa, ocupei com meu corpo, com uma câmera fotográfica, com um diário de bordo e com minha sensibilidade, as ruas da

<sup>8</sup> Art. 91-A da Lei Complementar nº 12 de 7 de janeiro de 1975: fica proibido pichar ou, por qualquer outro meio, conspurcar edificação ou monumento, públicos ou particulares.

cidade de Porto Alegre. Percorri, assim, demoradamente, em duas tardes, as principais ruas do Centro Histórico e da Cidade Baixa em busca de murais, postes, paredes, tapumes ou qualquer outra superfície que estivesse lambida.

Meus olhos procuraram pela autoria de mulheres, tanto nas assinaturas quanto nos discursos presentes nos lambes. Observei essas memórias e disputas coletivas nesses dispositivos de caráter efêmero<sup>9</sup> e como essa prática se relaciona com o espaço urbano. Busquei registrar, nas fotografias, essas presenças artísticas e sociais que sofrem alterações e apagamentos com a ação do tempo, com as políticas públicas e com as intervenções de transeuntes. Assim, criei um mapeamento da luta feminista presente nas vozes das nossas mulheres nos lambes localizados na região central de Porto Alegre: de um mapeamento inicial se fez uma cartografia.

Ainda que intervenções de arte urbana também ocorram em regiões periféricas, optei por concentrar minha busca na localidade onde os fluxos se interceptam e se confundem derivados da Zona Norte, Leste, Oeste, Sul e, inclusive, da região metropolitana de Porto Alegre<sup>10</sup>. Demarcada pelos principais pontos turísticos, comércio, bancos, universidades, espaços de socialização, espaços culturais, o Centro da cidade recebe uma grande movimentação de pessoas. A extensão territorial pequena, possibilita enxergarmos, de determinados pontos, a junção de três bairros distintos, que se diferem por características sociais, econômicas, especulação imobiliária e nicho de mercado: Centro Histórico, Bom Fim e Cidade Baixa. E que se confundem ao compartilhar parques, avenidas, o público e as intervenções que são ali realizadas. Aqui, busco focar em dois destes bairros vizinhos que se fragmentam e se encontram em uma avenida. O Centro Histórico e a Cidade Baixa se destacam por fazerem parte do coração de Porto Alegre e, igualmente, da maior concentração de arte urbana da cidade.

Como procedimento de trabalho, a partir das fotografias, procurei categorizar os lambes, destacando aqueles produzidos por movimentos e organizações sociais e aqueles criados por mulheres e coletivos que, ainda que não organizados politicamente, expressavam na prática artista<sup>11</sup> e no discurso o movimento feminista. A partir das fotografias, surgiu o desejo da conversa, da troca e da escuta com as mulheres que foram identificadas e que compartilhavam comigo a vontade de falar sobre suas presenças no espaço urbano. Com isso, meu relato cartográfico sobre os dois bairros tem a colaboração das criações artísticas do *Coletivo Filhas da Diáspora Negra*, *Coletivo Mulherio Urbano* e da artista *Tina Perrone*. As reflexões finais sobre espaço urbano e a prática do lambe contam ainda com colaborações de *Inessa Luerce* e *Camila Alexandrini*.

Rolnik (1989) nos instiga a pensar a prática cartográfica como uma estratégia de formação do desejo no campo social. Conforme afirma “não existem investimentos de desejo que não sejam os próprios movimentos de atualização de um certo tipo de prática e discurso, ou seja, atualização de um certo tipo de sociedade” (ROLNIK, 1989, p. 58). A cartografia é apontada como “inteligibilidade da paisagem em seus acidentes, suas mutações” (ROLNIK, 1989, p. 62). O espaço urbano como um território em constante disputa e, portanto, mutação, é descrito aqui com a multiplicidade de

<sup>9</sup> “Como obras do instante ou do desenrolar de um processo, performances e ações podem, de certo modo, perdurar no tempo pela documentação fotográfica, por vídeos e filmes que perenizam o gesto fugaz” (FREIRE, 2006, p. 43).

<sup>10</sup> No futuro, uma análise comparativa sobre essas intervenções em regiões descentralizadas é um aspecto pelo qual tenho interesse.

<sup>11</sup> Artivismo é um termo utilizado para ações artísticas com cunho social ou político para divulgar, sensibilizar e tensionar determinadas reivindicações sociais.



movimentos que operam na esfera política. Os movimentos sociais e feministas ali presentes operam na transformação social desses espaços e da sociedade que exerce essa transformação e que por ela também é transformada. Nas páginas que seguem, relato a experiência da arte urbana, buscando pelos lambes criados por mulheres e detalhando os feminismos. Convido, portanto, a uma caminhada pelos bairros Centro Histórico e Cidade Baixa, a partir de uma cartografia.

### Caminhando pelo Centro Histórico

Saída, às 14h14, da Rua Riachuelo 994 em direção ao miolo do Centro.

O fluxo de pedestres nesse trecho é contrário. A maioria desce a ladeira. A Praça da Matriz permanece fechada para mais um projeto de revitalização. Os pixos com dizeres poéticos e lambes comerciais de espetáculos de teatro se destacam sobre o tapume branco que forma um grande cachepô para as árvores. A composição do entorno reflete uma típica formação citadina: poderes executivo, legislativo e judiciário acompanhados da dominação religiosa colonial e acalentados pela presença do elemento cultural do Theatro São Pedro. Click.

Sigo à direita na Rua Duque de Caxias. Nos tapumes que estão voltados para o Palácio Piratini estão os lambes políticos. De tamanho e tipografias grandes, apresentam-se os protestos que se direcionam para o governador Eduardo Leite. Click. Neste dia, casualmente, sem nenhuma manifestação acontecendo em um dos principais pontos de atos políticos da capital, o som dos papagaios compõe a melodia com o sino da igreja. O badalar ressoa do alto da cúpula, que pode ser vista de vários pontos da cidade, operando como um elemento localizador entre os prédios de cor bege que pouco diferem entre si.



Sigo pela Duque em direção ao Viaduto Otávio Rocha. A nobreza da rua há muito foi subvertida e, nesse trecho, estão localizados dois painéis de intervenção urbana de Porto Alegre. Um deles cobre o portão metálico e o muro de um estacionamento que é espremido entre um prédio residencial e o Museu Histórico Júlio de Castilhos. Entre pixos e atropelos<sup>12</sup>, ao lado da placa que indica a instituição, estão os *Guaranis*<sup>13</sup> do artista Xadalu e outros lambes sem identificação, rasgados pelas mãos dos pedestres e marcados pela ação do tempo.

A organização estética ali disposta promove um breve diálogo entre o museu mais antigo do estado e a arte urbana. E, assim, tensiona o sistema da arte. Click. À margem desse sistema, a arte urbana apresenta-se como transgressora, reivindicando por espaço e se apropriando do espaço público ilegalmente. Ao lado de uma instituição constituinte do sistema que armazena objetos, elementos e narrativas culturais e hegemônicas sobre a história do estado do Rio Grande do Sul, ao reclamar também pelo acesso e legitimação no espaço consagrado das artes, a arte urbana se configura como um ato político na construção simbólica dos espaços (PALLAMIN, 2002). Trata-se de uma forma de inscrever a realidade na própria realidade. A arte urbana tensiona a operação excludente e opressora fixada por esse sistema, atuando como um desvio que possibilita, em certa medida, democratização da produção artística e do acesso à arte. Dessa forma, faz o tensionamento de quem, quais representações, produções e discursos têm exercido seu direito à participação e produção cultural na cidade (PALLAMIN, 2002). Assim, apresenta-se com uma dimensão histórica, social e política, que extrapola o sistema da arte e causa impacto, colaborando na construção social.

Passando o museu, outros lambes cobrem mais uma parede de tapumes do Centro Histórico. Aqui, os protestos político-partidários são dirigidos ao Presidente Jair Bolsonaro e lançados à população como forma de denúncia sobre as ideologias e

<sup>12</sup> Atropelo, na linguagem das intervenções urbanas, significa sobrepor uma ação a outra sem autorização.  
<sup>13</sup> Obra *Invasão colonial meu corpo nosso território* (2019).

Figura 4 - Lambe produzido por Luiza Rabello do coletivo Filhas da Diáspora Negra. Fonte: Registro realizado pela autora em 22 de setembro de 2021 no Viaduto Otávio Rocha.

medidas do governante. Click. Desço a escadaria do viaduto pela esquerda. Nesse ponto estão localizadas diversas lojas, bares, tabacarias, briques, o Teatro de Arena, o prédio que abrigava o Hotel Everest e o Assentamento Utopia e Luta. A grandiosidade dos arcos é demarcada pelo vento que vem do Guaíba conduzido pelas altas construções da Avenida Borges de Medeiros. O ruído dos ônibus é apaziguado pela vista do sol tingindo os prédios. É um local onde se pode observar o céu azul – ou cinza – e os grafites lá debaixo. Ali, encontro lambes, stencil e grafites com discursos feministas. Mulheres resistem lutando!<sup>14</sup>

Após passar por três painéis com características bastante específicas (tapumes e muros com predominância de lambes produzidos por coletivos político-partidários), encontro um lugar onde as manifestações feministas compõem com o palavreado dos pixos. Próximo a um dos principais pontos de transporte público do Centro, do viaduto escuro brotam musgos e os gritos de uma tipografia em caixa alta daquelas que buscam um espaço de fala. Aqui, as mulheres buscam ser ouvidas. E pretendem, como mostra Ribeiro (2019), romper com o discurso hegemônico e violento e atuam contra a violência do silêncio que lhes é imposto. Entre essas vozes, encontro o lambe colado sobre o mármore da escadaria do Viaduto Otávio Rocha criado pelo *Coletivo Filhas da Diáspora Negra*. Compondo ao lado de um pixo, o rosto de uma jovem negra é envolvido por recortes de comentários em redes sociais: fruta exótica, beleza exótica e sexy, linda e exótica. A resposta aparece na tipografia em vermelho: EU NÃO SOU EXÓTICA.

Em uma longa conversa<sup>15</sup>, as integrantes do coletivo compartilham comigo que, inspiradas em “Ela quer tudo” (1986), filme do diretor Spike Lee, sobre as turbulências que permeiam as vidas de mulheres negras de maneira pessoal e coletiva, resolveram se unir e externalizar em forma de protesto aquilo que é por elas experienciado. Assim surgiu a primeira série do grupo, com os lambes *eu não sou exótica* (2021), *autonomia sobre meu corpo só pertence a mim* (2021) e *cada traço meu me torna linda* (2021). Com o objetivo de ressignificar os atravessamentos negativos que chegam até seus corpos e transformá-los em arte, e no encontro/embate do racismo e do patriarcado, elas representam nas ruas o feminismo negro interseccional, dialogando, de forma concomitante, “entre/com as encruzilhadas, digo, avenidas identitárias do racismo, cisheteropatriarcado e capitalismo” (AKOTIRENE, 2019, p. 23).

Assim, apresentam a arte como uma resposta. A arte como luta, reivindicando, com as vozes do feminismo negro, seu espaço na cidade e inserindo/criando rachaduras no sistema dominante, que estruturalmente compreende como feminismo o feminismo branco. Demarcam, como afirma Pallamin (2002), a ideia de que a cidade está disponível para todos os grupos, e que a arte urbana, como uma prática crítica, “inclui dentre seus propósitos estéticos o desafio a certos códigos de representação dominantes, a introdução de novas falas e a redefinição de valores” (PALLAMIN, 2002, 107).

Os lambes são vistos por elas como uma expressão de violência. Uma subversão da violência sofrida por elas. Ainda que menos agressivo que o pixo, como ressalta Luiza Rabello, uma das integrantes mais ativas do coletivo, é uma das formas de utilizar a rua para ir contra o sistema. É uma maneira de provocar, questionar e contestar, por meio dessa manifestação, questões que pertencem à nossa sociedade.

<sup>14</sup> Texto do lambe sem identificação localizado na Rua Desembargador André da Rocha.

<sup>15</sup> A entrevista com o Coletivo Filhas da Diáspora Negra foi realizada via Google Meet em 19 de janeiro de 2022.

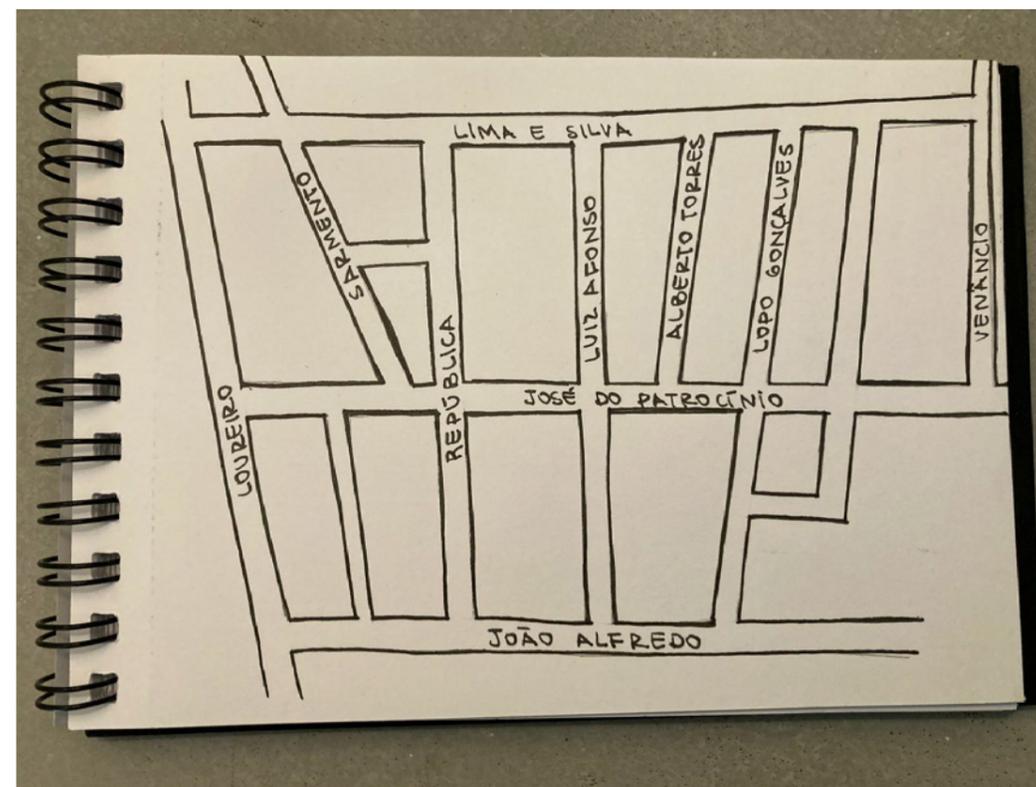


Figura 5 - Mapa da Cidade Baixa. Fonte: Diário de bordo da autora, 2022.

Seguindo meu trajeto, entro à esquerda na Rua Fernando Machado em direção à Av. Desembargador André da Rocha. Mais sebos e antiquários. O barulho do trânsito ecoado pela concha acústica de prédios da Borges fica para trás. As fachadas são cobertas por intervenções onde os pixos e stickers demarcam o público local: uma juventude melancólica e fumante. A estética underground é sedutora. Cooptada pelo capitalismo, a manifestação urbana, ali, é convertida à estetização e se reduz aos interesses econômicos e, de certa forma, se afasta do potencial crítico. Como afirma Pallamin (2002, p. 74), “Se antes o estético era tido como veículo, instrumento, embalagem, agora assume a cena, protagonizando-se como produto”. Seguindo entre as árvores que cobrem as calçadas e carregam o ar de penumbra, as fachadas se abrem em janelas gradeadas. O movimento feminista se infiltra em raros postes com a afirmação: estamos sobrecarregadas, não caladas! Click.

Retorno pelo mesmo trajeto até o viaduto. Sigo pela Borges de Medeiros em direção ao Mercado Público e perambulo pelas ruas do Centro em busca dos painéis. O clássico áudio do carro dos sonhos se confunde com o odor dos peixes, o movimento de pessoas e carros e as pombas que habitam o lugar, enquanto o som dos papagaios volta a ser protagonista na Praça da Alfândega. As paredes da Rua 7 de Setembro e da João Manoel tomam meu tempo. Click. Click. Click. Click. Ali estão os lambes. A composição da João Manoel é elaborada com lambes políticos de artistas e coletivos. Ao lado das frases que questionam o sistema patriarcal, ao lado das denúncias de feminicídio, novamente os Guaranis se fazem presentes. Os lambes apresentam o que há de concreto na nossa sociedade: a violência. Ali, expressa a opressão sexista e racial. Informam, relembram, memorizam as vidas de mulheres que foram perdidas para o sistema opressor. Divulgam o conflito identitário ao qual tentamos sobreviver individualmente e enquanto sociedade. E na relação arte e espaço urbano, instauram sua presença com maior força de significação (PALLAMIN, 2002).

Na Sete, os lambes se misturam aos pixos e grafites, que se misturam a uma dupla visão. De um lado o Muro da Mauá. Click. E de outro a Casa de Cultura Mario Quintana. Click.

Fico imaginando que esta poderia ser a esquina esquisita da qual o poeta falava<sup>16</sup>. A nuance desta parede, como uma tela, é demarcada pelo trabalho dos artistas urbanos. Ali fora, à mercê do apagamento, o lambe resiste. Como nossa luta. Já lá dentro, ao contrário, ocupando as paredes do Jardim Lutzenberger, o lambe se mimetiza. Opera esteticamente no sistema. Ocupa seu lugar como arte institucionalizada. Não é apagado. Não é rasgado.

A Casa, cortada pela Travessa dos Cataventos, conduz à Rua da Praia. As árvores e prédios formam a moldura de um dos locais mais ativos para a colagem de lambes. Mesmo durante a pandemia, quando as ruas eram evitadas e permaneciam vazias, as noites eram ocupadas pelos coletivos políticos organizados para mobilizar a população. Assim como o céu e a paisagem que aqui nunca são os mesmos, marcados pela luz do sol que reflete no Guaíba, a rua também não é. Ela é transformada diariamente por trinchas, colas, papéis e discursos. Click. O comercial se dissolve no artístico e debate com o político. Ainda insisto por mais algumas ruas, seguindo um labirinto de pernas cansadas e lombas.

Às 17h17 o cigarro é aceso na sacada do quarto andar.

### Caminhando pela Cidade Baixa

Ao atravessar a Loureiro, o clima do centro é deixado para trás para chegar à CB. Basta olhar para a José do Patrocínio ou qualquer outra rua da Cidade Baixa para entender que esta é zona da arte urbana. Diferente do centro, aqui não há uma composição de painéis para ser observada. Cada poste de luz tem consigo uma história, uma mensagem, um alerta, um convite. Como aponta Pallamin (2000), cada espaço tem suas próprias articulações, segregações, rupturas e significados. O bairro boêmio, que costumava ter suas ruas lotadas durante a noite, é mais tranquilo durante o dia, marcado pela movimentação de bicicletas do iFood. A visão se perde no fluxo de informações entre mídias em bancas, anúncios e as intervenções urbanas. É necessário atravessar a rua diversas vezes para se aproximar, identificar, ler e registrar o que ali está posto.

As pautas feminista e lésbica são predominantes nesse lugar, jogando com as poesias que formam na sobreposição de colagens que se esparrama pelos postes. A presença dos lambes e intervenções praticadas por mulheres é marcante nesse território, que se apresenta como um espaço mais democrático para as pautas informadas, denunciadas e poetizadas sobre a opressão sexista, lesbofóbica, transfóbica, racista. A rua ecoa a voz transposta de Audre Lorde<sup>17</sup>: “Para mim não existe diferença entre escrever um poema que preste e me esfregar até de manhã no corpo da mulher que eu amo”.

Os painéis se revezam entre casarões, postes, caixinhas de luz e muros. O bairro é uma grande tela, onde os grafites já se tornaram produtos comerciais. Alguns lambes são tão antigos que o processo de identificação exige paciência. Um jogo de caça-palavras começa a fazer parte da dinâmica, transformando a leitura dos lambes em um esquema para decifrar códigos. Mulher. A mulher não pode. Estressada. Isso não é comportamento. Meu corpo. Meu território. A maioria deles parece estar ali há tempos. Eles ostentam a dimensão efêmera de colar um papel nas ruas. Um papel

16 “Há tanta esquina esquisita, Tanta nuance de paredes, Há tanta moça bonita Nas ruas que não andei (E há uma rua encantada Que nem em sonhos sonhei...)”. Trecho do poema O Mapa, de Mario Quintana.

17 Referência aos diversos lambes produzidos pela Jornada Lésbica Feminista Antirracista, com frases da pensadora sobre sexualidade para uma ação sobre o Dia da Invisibilidade Lésbica, localizados no Bairro Cidade Baixa durante o mapeamento realizado.



que molha. Um papel que se dissolve. Um papel que se mistura. Um papel que se desgasta. Que se rasga e é rasgado também propositalmente. Nessa repetição de lambes deteriorados, é visível o afastamento das ruas. Ainda em isolamento social, a atmosfera de abandono diverge da popular vida noturna.

Assim encontro o painel localizado na Lopo Gonçalves. A predominância das criações feitas por mulheres me detém. Ali eu me demoro. Me fixo nos discursos daquelas mulheres que, na ampla parede, se expandem para além dos dispositivos artísticos. Elas ocupam o vazio. E reivindicam, por meio de diversas narrativas, que as ruas também são nossas. A cidade também é das mulheres. Carregando, em seu discurso, a violência que as mulheres enfrentam nas ruas. As altas taxas de feminicídio, assédio, abuso. O contraste da violência patriarcal que opera dentro e fora de casa. E que faz com que busquemos um lugar que também seja nosso. Um lugar seguro.

Ao compartilhar as mesmas necessidades de abordar suas individualidades que também refletem na comunidade, o *Coletivo Mulherio Urbano*<sup>18</sup> expressa seus anseios de vivência em uma sociedade patriarcal e racista, operando também como uma prática que reflete a importância da abordagem interseccional do feminismo. Os trabalhos, produzidos individualmente pelas integrantes do coletivo, buscam inserir na rua e na história a presença de mulheres negras, nos lambes *teu racismo te deixa dormir?* (2019) e *corpo fechado* (2019), ambos criados por *Thay Petit*. O trio de mulheres busca, por meio da arte, gritar suas insatisfações. Ao ressignificar suas dores, buscam dar visibilidade para as pautas feministas.

Ao utilizar os lambes como uma provocação, convidam as pessoas à reflexão por meio dos discursos dispostos nos lambes. “A arte urbana como prática crítica, ao antepor-

18 A partir do contato iniciado por meio das redes sociais, a entrevista com o *Coletivo Mulherio Urbano* foi deslocada para uma troca de e-mails, formalizada em 31 de janeiro de 2021. O grupo é formado por Leli Baldissera, Thay Petit e uma terceira integrante que prefere não se identificar.

Figura 6 - Lambes produzidos pelo Coletivo Mulherio Urbano. Em evidência, destaca-se a criação de Leli Baldissera com o texto “Essa cidade tbm é minha”. Fonte: Registro realizado pela autora em setembro de 2021 na Rua Lopo Gonçalves.



Figura 7 - Lambe criado por Tina Perrone com o texto "Não toca nela". Fonte: Registro realizado pela autora em setembro de 2021 na Av. Venâncio Aires.

se a narrativas pré-montadas, percorre as vias de interrogação sobre a cidade, sobre como esta tem sido socialmente construída, representada e experienciada" (PALLAMIN, 2002, p. 109). O coletivo busca a ocupação das ruas e um espaço para as mulheres, uma possibilidade de criação e de luta. Retratar a presença das mulheres na rua é o objetivo de *Leli Baldissera* no *lambe essa cidade tbm é minha* (2019), no qual a artista ressignifica as sensações subjetivas de medo e insegurança pela violência no espaço urbano.

Antes de dobrar para a Venâncio, seguia pensando sobre minha presença nessa cidade. De forma objetiva, ia analisando os postes e caminhando. Vi um lambe em um poste. Parei. Fotografei, de forma analítica e fria. Enquadramento um. Enquadramento dois. Quando eu realmente me detive na leitura da frase registrada na tela da câmera, eu senti. Fui atravessada pela mensagem.

Com jeito alegre e generoso, a artista *Tina Perrone* compartilhou comigo sua relação com os lambes, com a arte de rua, com o feminismo e com a arte que me levou até ela<sup>19</sup> com o lambe *não toca nela* (2021). Estar na rua, para a artista, é poder se conectar com as pessoas. Ainda que exista a possibilidade de isso não acontecer e se tornar indiferente no contexto urbano (PALLAMIN, 2000), ao lambe as ruas com seu trabalho e torná-lo público, esta é uma expectativa: deixar seu rastro na cidade e se comunicar com quem, entre a rotina do dia a dia, consegue enxergar as mensagens da cidade.

Ela me contou, entre bebericos no chá, que cada lambe tem uma história. Falei que queria saber sobre o *não toca nela*. Tina conta que ele é sobre raiva, sobre a raiva por um homem que abusou de uma pessoa especial na vida dela.

A raiva existe e opera como um elemento das lutas feministas. Lorde (2013) apresenta a raiva como uma resposta ao racismo e repudia o medo que sentimos dela. Já Adichie

<sup>19</sup> Encontrei a Tina no Café Cantante, no Bom Fim, em 29 de novembro de 2021 para realização da entrevista.



Figura 8 - Viaduto Otávio Rocha e painéis na Rua dos Andradas e na Rua João Manoel. Fonte: Registros realizados pela autora em setembro, novembro e dezembro de 2021.

(2015) tem a raiva como um sentimento aliado à esperança no combate às injustiças de gênero. A raiva, aqui, é um expurgo, um pedido, um grito. O grito preso na garganta de todas nós. O grito que Tina faz reverberar na rua por meio do lambe.

### Essa cidade também é nossa

Minha saída em 22 de setembro ocorreu com urgência devido às polêmicas noticiadas no dia anterior: a Prefeitura de Porto Alegre iniciou a revitalização do Viaduto Otávio Rocha com o objetivo de cobrir os pixos e grafites. Encontrei desenhos e frases meio cobertos pela pintura abandonada após a sinalização de que a tinta não é adequada ao material que compõe a estrutura do viaduto. A "manutenção e higienização das fachadas" integra a "reabilitação" do Centro Histórico, projeto batizado de *Centro+*, lançado pelo prefeito Sebastião Melo e aprovado pela Câmara de Vereadores em agosto do ano passado. O programa pretende requalificar a região por meio de intervenções que têm como objetivo "valorizar suas potencialidades sociais, econômicas, ambientais e funcionais". A ação se estende por diversos pontos do Centro Histórico, em painéis urbanos, comumente utilizados por artistas em locais como o Viaduto do Brooklyn, Rua dos Andradas, Rua Sete de Setembro, Rua João Manoel, Praça da Alfândega, entre outros.

Assim, por meio da ação da prefeitura, fica evidenciado, nos apagamentos da tinta cinza sobre o spray preto, o processo de gentrificação do espaço urbano. Na contramão, as vozes dos muros se misturam em um coro que clama por direitos sociais, divergentes dos interesses políticos de quem está no poder e do sistema opressor no qual sobrevivemos. Ainda que não seja o foco da pesquisa, esse é um atravessamento transversal importante já que esses apagamentos demarcam, portanto, o silenciamento dos movimentos populares. Demarcam, pois, uma tentativa de silenciamento das nossas lutas.

## Na rua nossas lutas se encontram

Da mesma forma, o mapeamento realizado enfrentou o afastamento das ruas ocasionado pelo isolamento social contra a pandemia de Covid-19. Nas conversas realizadas com as artistas e coletivos, constatei que o período entre março de 2020 e agosto de 2021 foi um lapso de produção da arte urbana nos bairros investigados em Porto Alegre. Dessa forma, podemos pensar nos modos como essas interferências servem como uma ilustração sobre as transformações e manutenções que ocorrem no espaço público. A velocidade com que os painéis vão se modificando é um ponto de tensão sobre os apagamentos de um dispositivo que é apresentado como uma ferramenta de memória social. Uma memória curta. Uma memória que logo se apaga e muda de foco – ou distendida, sobretudo num momento pandêmico em que estamos vivendo. Uma memória que reflete a nossa realidade ao mesmo tempo em que tenta modificá-la. Ao terem determinadas palavras arrancadas ou serem arrancados por inteiro, os lambes demonstram na prática a disputa de poder que enfrentamos no campo simbólico, social, econômico, cultural, político. Eu informo. Tu arranca. Eu denuncio. Tu apaga. Eu grito. Tu tenta me calar.

Os apagamentos temporais e institucionais como os citados acima, ou mesmo os climáticos e realizados pelos pedestres, interferem nos pontos de colagem. Os locais escolhidos para os lambes e realização das intervenções estão relacionados, também, ao fluxo de pessoas e a algumas regras e preferências estabelecidas pelos artistas urbanos enquanto coletivo e individualmente, a depender do trabalho.

O Coletivo *Mulherio Urbano* e a artista *Tina Perrone* priorizam superfícies abandonadas, postes, tapumes de obras. O cuidado com os lambes produzidos e com as colagens realizadas fica evidente com o relato de *Inessa Luerce*<sup>20</sup> sobre o lambe intitulado como *não matarás* (2021). Na saída para lamber os postes, resolveu satirizar utilizando o cartaz em frente a uma igreja e também em frente a uma churrascaria. Ainda no dia da colagem, quando retornou pelo mesmo caminho, apenas o lambe da churrascaria ainda permanecia lá, ironizando a principal temática que é pautada por ela: o veganismo.

Os diálogos propostos na arte do lambe atravessam percepções, ganham espaço e conquistam ideais. Um dos únicos pontos de colagem da ação realizada pelo grupo de mulheres do projeto *Todas Escrevemos*<sup>21</sup> fugiu do clássico poste de luz. Em uma casa localizada ao lado do bar *Dirty Old Man*, com a pintura coberta de pixos e lambes, a subversão dessas mulheres foi desafiada. Enquanto colavam o segundo lambe da fachada, a dona da casa interveio e questionou a ação. *Camila Alexandrini* e as demais mulheres optaram pela conversa, explicando sobre o projeto e a simbologia dos lambes produzidos por elas. Assim, fortalecendo as narrativas criadas por mulheres e em diálogo com a rua, elas conquistaram a colagem do terceiro e do quarto lambe no endereço, engajando a proprietária do local.

## Considerações finais: o feminismo é para todo mundo

Ocupar o espaço urbano com um lambe, no caso de produções realizadas por mulheres, significa também ocupá-lo com nossos corpos. Assim, além de nos apropriarmos de um lugar para nossa fala, reivindicamos pela nossa presença nas ruas. *Tina*, o trio do *Coletivo Mulherio Urbano*, *Inessa* e *Camila* relatam que preferem realizar as colagens

durante o dia. *Tina Perrone* compartilha que normalmente sai cedo, aos finais de semana, para colar suas artes. Prefere não ser observada pelos olhares curiosos e desconfiados. O coletivo ressalta que por mais que as manhãs gerem mais exposição, o perigo parece ser reduzido com a luz do dia. Elas destacam que evitam se esconder na noite também para evitar situações indesejáveis pelo fato de serem mulheres.

A produção dos lambes, que pode ser barateada com impressões simples (ou mesmo criações à mão) e utilização de cola à base de farinha, e o amplo acesso para quem se deixa atravessar pelo que é exposto na rua, são elementos democratizantes desse material. Assim, a presença, além de agir como reivindicação do nosso espaço e da nossa fala, atua como uma forma de democratizar os feminismos, fazendo com que o lambe seja uma ferramenta de construção de uma realidade na qual o feminismo seja para todo mundo e na qual sejamos todos feministas. Aqui, apresento o lambe como um saber feminista.

Ainda que esta não seja uma proposta de análise de discurso, não é possível ignorar os dizeres em caixa alta dos lambes que encontrei. E eles são sobre violência. Violência contra mulheres negras, violência doméstica, opressão e insegurança das mulheres nas ruas. Os lambes estão ali denunciando que, apesar de quererem manter as mulheres em lugar de subordinação, estamos disputando com a nossa voz e nossa presença a transformação da hegemonia na sociedade branca cisheteropatriarcal.

Assim, é possível que seja afirmado que o lambe opera pela luta feminista tanto pela prática ilegal e resistência desses corpos ocupando literalmente espaços que lhe são negligenciados quanto pelos discursos apresentados nos textos que carregam. Falar sobre a ocupação de espaços abrange falar sobre as ruas: lugar de medo e violência. Falar sobre a produção artística: da qual fomos historicamente excluídas por questões de gênero. Da disputa política, social, econômica. Todos os espaços nos quais sofremos com o sistema opressor. Espaços que também são disputados por diversas categorias identitárias que também buscam por justiça.

Ao abordar a questão de produção artística realizada por mulheres, cabe também destacar a relevância da apresentação do lambe enquanto dispositivo artístico que opera à margem do sistema da arte. E o que essa afirmação e a busca por essa validação significam nesse contexto acadêmico no qual eu apresento este texto. Enquanto pesquisadora interessada em práticas curatoriais e ativista social, tento, também, dentro deste sistema institucional, apontar a relevância de uma curadoria ativista. Assim, busco destacar – até quando for necessário – os temas, artistas e produções que atuam à margem, invisibilizados e que procuram pelo seu espaço de legitimação e validação, criando uma movimentação para, inclusive, alterar a forma como esse sistema funciona, quem o valida e o que é validado. No comprometimento com essa ação, busca-se, como aponta Reilly (2018), o nivelamento de hierarquias, combate a apagamentos e a promoção daquilo que está à margem para o centro, na valorização das maiorias minorizadas e na busca de debates e novos conhecimentos.

Dentro desse contexto, essa pesquisa, sua pauta e seu objeto investigativo, se estabelecem como uma estratégia de resistência que propaga as pautas feministas para além dos ambientes segregados do conhecimento. Como nos questiona Lorde (2019): do que precisa uma mulher para criar? Quais são as ferramentas, motivações, espaços, discursos que utiliza? “O que você precisa dizer? Quais palavras você ainda não tem? [...] Vocês têm feito o trabalho de vocês?” (LORDE, 2019, p. 50). Nas ruas de Porto Alegre, resignificando o espaço urbano e buscando se inserir nele, mulheres artistas criam, dizem e compartilham conhecimento por meio de reivindicações e da problematização das opressões que sofrem enquanto mulheres brancas, mulheres lésbicas e mulheres negras. Essas mulheres, por meio dos discursos impressos no

20 A entrevista com Inessa foi realizada em 25 de janeiro de 2022 pelo Google Meet.

21 Depois de ter fotografado alguns lambes do projeto *Todas Escrevemos*, contatei a ONG Fora da Asa pelo perfil no Instagram, com o objetivo de coletar informações sobre essa grande demarcação literária que foi realizada na CB. Conversei com Camila Alexandrini no dia 14 de janeiro de 2022.

dispositivo artístico lambe, se conectam com transeuntes e ampliam as vozes dos feminismos.

Portanto, na presença nas ruas, a arte urbana realizada por mulheres (ou que apresente as questões de gênero) pode ser pensada como uma prática democrática do movimento feminista. Apresenta-se como um material acessível para que todas as pessoas tenham contato com o conhecimento feminista e as pautas reivindicadas pelo movimento. Seja no discurso ou no ato de ocupação do espaço público, é na rua que ampliamos nossas vozes para que o pensamento feminista se torne acessível para mais pessoas. É na rua que buscamos uma transformação social. É na rua que nossas lutas se encontram.

## Referências

ADICHIE, Chimamanda. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019.

BECCON, Paulo; MENDONÇA, Lissandra. Prefeitura de Porto Alegre vai revitalizar Praça da Matriz. *Prefeitura de Porto Alegre*, 16 de jun. de 2020, Executivo. Disponível em: <<https://www.prefeitura.poa.br/gp/noticias/prefeitura-de-porto-alegre-vai-revitalizar-praca-da-matriz>>. Acesso em 07 de fev. de 2022.

Brasil registra um caso de feminicídio a cada 6 horas e meia. *Correio Braziliense*, 15 de jun. de 2021. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/07/4937873-brasil-registra-um-caso-de-feminicidio-a-cada-6-horas-e-meia.html>>. Acesso em 01 de dez. de 2021.

BRASIL. Prefeitura de Porto Alegre. Institui Programa de Reabilitação do Centro Histórico de Porto Alegre. Disponível: <<https://www.camarapoa.rs.gov.br/processos/137061>>. Acesso em 07 de fev. de 2022.

BULHÕES, Maria Amélia. *As novas regras do jogo: o sistema da arte no Brasil*. Porto Alegre: Zouk, 2014.

LOBATO, Gabriela. Desigualdade de gênero: a constante luta feminina no espaço social. *Núcleo de Estudos em Saúde Pública CEAM/UNB*. Disponível em: <<http://nsp.unb.br/index.php/42-noticiascentro/397-desigualdade-de-genero-a-constante-luta-feminina-no-espaco-social>>. Acesso em 01 de dez. de 2021.

FETTER, Bruna. Das reconfigurações contemporâneas do(s) sistema(s) da arte. *MODOS*. Revista de História da Arte. Campinas, v. 2, n.3, p.102-119, set. 2018.

FOSTER, Gustavo. Pintura de monumentos tombados feita pela Prefeitura é ilegal e pode prejudicar estrutura, dizem especialistas. *Matinal Jornalismo*, 21 de set. de 2021, Reportagem. Disponível em: <<https://www.matinaljornalismo.com.br/matinal/reportagem-matinal/pintura-monumentos-tombados-prefeitura-ilegal/>>. Acesso em 07 de fev. de 2022.

FREIRE, Cristina. *Arte Conceitual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

FRIEDAN, Betty. *Mística feminina*. Petrópolis: Editora vozes limitadas, 1971.

hooks, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. São Paulo: Editora Record, 2018.

LORDE, Audre. “Os usos da raiva: mulheres respondendo ao racismo”. Tradução de Renata, Geledes, 19 maio 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/MfpQbV>>. Acesso em: 02 de mar. de 2022.

LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Tradução Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. Título original: Sister Outsider.

PALLAMIN, Vera M. Arte urbana como prática crítica. In: *Cidade e cultura: esfera pública e transformação urbana*. (org.) PALLAMIN M, Vera; (coord.) LUDEMANN, Marina. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

PALLAMIN, Vera M. *Arte urbana; São Paulo: Região Central (1945-1998): obras de caráter temporário e permanente*. São Paulo: Fapesp, 2000.

REILLY, Maura. *Curatorial Activism: Towards an ethics of curating*. London: Thames & Hudson Ltd, 2018.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Pólen, 2019.

ROLNIK, Suely. Capítulo VI. In: *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989. p. 56-65.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. *Educação & Realidade*, v.20, n.2, jul/dez 1995, 71-99.

SILVA, Claiton. Prefeitura apresenta programa de revitalização do Centro Histórico. *Prefeitura de Porto Alegre*, 09 de ago. de 2021, Gabinete do Prefeito. Disponível em: <<https://prefeitura.poa.br/gp/noticias/prefeitura-apresenta-programa-de-revitalizacao-do-centro-historico>>. Acesso em 07 de fev. de 2022.